

PROJETO NÓS PROPOMOS: breves considerações sobre o processo de revitalização do centro histórico de João Pessoa - PB

PROJET NOUS PROPOSONS: considérations sur le processus de revitalisation du centre historique de João Pessoa-PB

REGINA CELLY NOGUEIRA DA SILVA

Doutora em Geografia (USP)

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba

recelly51@hotmail.com

JOAZADAQUE LUCENA SOUZA

Mestre em Geografia (UFPE)

Professor do Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário

joazadaque@hotmail.com

RESUMO: A PRESENTE EXPERIÊNCIA TEVE COMO OBJETIVO ANALISAR AS FORMAS ATRAVÉS DAS QUAIS O PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA REPERCUTE NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA ÁREA, BEM COMO A INTERAÇÃO DOS ELEMENTOS INTERVENIENTES NA CONSTRUÇÃO DE SUA REALIDADE ATUAL ATRAVÉS DO PROJETO *NÓS PROPOMOS*. DA MESMA MANEIRA, É PARTE DO NOSSO INTERESSE A IDENTIFICAÇÃO DOS TIPOS DE POLÍTICAS LEVADAS A EFEITO PELO ESTADO DA PARAÍBA A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 ATÉ OS DIAS ATUAIS, JUNTAMENTE COM AS AÇÕES POSTAS EM PRÁTICA PELAS REPRESENTAÇÕES DE SETORES DO PODER ECONÔMICO DA NOSSA SOCIEDADE, NO INTERESSE DE REDIMENSIONAR A PRODUÇÃO E A REPRODUÇÃO DO MENCIONADO ESPAÇO. ATRAVÉS DO PROJETO *NÓS PROPOMOS*, VISAMOS ANALISAR AS CONTRADIÇÕES EXISTENTES ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A SUA EFETIVA PRÁTICA, NAS AÇÕES DIRECIONADAS AO CHAMADO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO. ALÉM DISSO, TAMBÉM NOS PROPOMOS A EXAMINAR AÇÕES QUE SOLUCIONEM OS PROBLEMAS DA ÁREA E A CONQUISTA DA MESMA PELOS MORADORES. BUSCAMOS A IDENTIFICAÇÃO DE COMO ESTES PROCESSOS DE INTERVENÇÃO URBANA AFETAM DIRETAMENTE A VIDA DOS MORADORES LOCAIS DO PORTO DO CAPIM, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO QUE ESTES MORADORES SÃO OCUPANTES HISTÓRICOS DESTA LUGAR HÁ 50 ANOS.

PALAVRAS-CHAVE: CENTRO HISTÓRICO; REVITALIZAÇÃO; PATRIMÔNIO; MEMÓRIA; PROJETO NÓS PROPOMOS.

RÉSUMÉ: L'EXPÉRIENCE ACTUELLE A POUR BUT D'ANALYSER LES FAÇONS DONT LE PROCESSUS DE REVITALISATION DU CENTRE HISTORIQUE DE JOÃO PESSOA AFFECTE LA DYNAMIQUE SOCIO-SPATIALE DE LA ZONE, AINSI QUE L'INTERACTION DES ÉLÉMENTS IMPLIQUÉS DANS LA CONSTRUCTION DE SA RÉALITÉ ACTUELLE À TRAVERS LE PROJET NOUS PROPOSONS. DE MÊME, IL EST DE NOTRE INTÉRÊT IDENTIFIER LES TYPES DE POLITIQUES MENÉES PAR L'ÉTAT DE PARAÍBA À PARTIR DES ANNÉES 1980 À NOS JOURS, TOUT COMME LES ACTIONS MISES EN PLACE PAR LES REPRÉSENTATIONS DES SECTEURS DU POUVOIR ÉCONOMIQUE DE NOTRE SOCIÉTÉ, DANS L'INTÉRÊT DE REDIMENSIONNER LA PRODUCTION ET LA REPRODUCTION DE L'ESPACE PRÉCITÉ. AVEC LE PROJET NOUS PROPOSONS, NOUS VISIONS À ANALYSER LES CONTRADICTIONS ENTRE LE DISCOURS OFFICIEL ET SA PRATIQUE EFFECTIVE, DANS DES ACTIONS ORIENTÉES VERS LE PROCESSUS DIT DE REVITALISATION. EN PLUS, NOUS CHERCHONS À PROPOSER DES ACTIONS QUI DÉCHIFFRENT LES PROBLÈMES DE LA RÉGION ET LA CONQUÊTE DE CETTE RÉGION PAR SES HABITANTS. NOUS CHERCHONS À IDENTIFIER COMMENT CES PROCESSUS D'INTERVENTION URBAINE AFFECTENT DIRECTEMENT LA VIE DES HABITANTS DE PORTO DO CAPIM, EN TENANT COMPTE DU FAIT QUE CES RÉSIDENTS OCCUPENT CETTE RÉGION IL Y A 50 ANS.

MOTS-CLÉS: CENTRE HISTORIQUE; REVITALISATION; PATRIMOINE; MÉMOIRE; PROJET NOUS PROPOSONS.

INTRODUÇÃO

“A vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente recorda, e como recorda para contá-la” (MARQUEZ, G. G., 2002). Recorremos a Gabriel Garcia Marquez, em suas memórias – “Viver para contar” – para o início dos relatos sobre nossas vivências na cidade de João Pessoa/PB,

Fundada em 5 de agosto de 1585 com o nome de Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, João Pessoa é considerada a terceira cidade mais antiga do Brasil, tendo sido fundada pela Cúpula da Fazenda Real, já como cidade e não como vila, povoado ou aldeia. Posteriormente passou a se chamar de Filipéia de Nossa Senhora das Neves em 1588 em homenagem ao Rei Filipe II que, na época, acumulava as coroas da Espanha e de Portugal. Em seguida chamada Frederikstad, foi uma das duas principais cidades da Nova Holanda, junto com Mauritsstadt (a atual Recife), na segunda metade do século XVII. Possui um rico centro histórico e vasto patrimônio histórico, com igrejas, largos e praças e ruas (SILVA, 2016).

Como ponto de partida para nosso trabalho junto ao “Projeto Nós Propomos Paraíba: revitalizando a cidadania através da educação”, desenvolvido na Escola Estadual Integral Sesquicentenário, que se iniciou em março de 2018. O projeto “Nós Propomos” foi criado pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT/UL), com o intuito de fomentar práticas educativas exitosas entre alunos e professores dos diferentes níveis e modalidades de ensino com o intuito de incentivar o desenvolvimento de atitudes cidadãs a partir da identificação de problemas urbanos, sociais e ambientais e a formulação de propostas de resoluções para esses problemas se valendo do envolvimento das comunidades locais e principais atores relacionados a esses problemas.

Em razão dos avanços experimentados pelo Nós Propomos em Portugal, Espanha e outros países, ocorreu a implementação do Projeto no Brasil em várias instituições de ensino espalhadas nas diferentes regiões do país. Em janeiro de 2018 o projeto iniciou suas atividades no Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário, a Universidade Estadual da Paraíba, e a Universidade de Lisboa, Portugal. No projeto intitulado “Nós Propomos Paraíba: revitalizando a cidadania através da educação”, nosso objetivo foi realizar a identificação dos problemas sociais urbanos e ambientais existentes no Centro Histórico de João Pessoa com o intuito de despertar a consciência cidadã, incentivar uma efetiva cultura de cidadania territorial entre os jovens estudantes do ensino médio e estimular à participação popular democrática com a finalidade de se garantir o direito à cidade, incentivando a gestão democrática do espaço urbano a partir da realização de atividades e ações que visassem a formular propostas para a resolução das problemáticas que acometem o centro histórico de João Pessoa a partir de então tecer considerações e contribuir com o processo de revitalização desta porção importante da cidade. Nossa intenção foi também fazer com que os alunos entendessem a Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa e suas consequências.

O projeto foi desenvolvido no horário oposto às aulas regulares dos estudantes do ensino médio, no turno da tarde, complementando a formação humana e integral dos discentes e colaborando para o maior intercâmbio de conhecimento entre a escola e a universidade. A proposta foi oferecer cerca de 25 vagas aos alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, com a orientação de três professores do Sesquicentenário e uma professora da UEPB, visando estudar as seguintes temáticas:

- Temática 01 - Um olhar sobre a história e as transformações do centro histórico de João Pessoa;

- Temática 02 - Análise do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa;
- Temática 03 - A Comunidade do Porto do Capim e sua Cultura;
- Temática 04 - A Educação e práticas de cidadania no ambiente escolar;
- Temática 05 - A Cultura, o Patrimônio e o Turismo Comunitário no Centro Histórico.

Os encontros perfaziam carga horária semanal de 4 horas/aulas distribuídas em atividades desenvolvidas na própria escola, na Universidade Estadual da Paraíba, e na realização de trabalhos de campo. Os encontros entre os professores e alunos foram semanais e o cronograma de atividades e locais de execução das mesmas era definido conforme o andamento de cada etapa do projeto. As atividades teóricas relacionadas a revisão de literatura, debates e exposições do conhecimento gerado foram desenvolvidas nas dependências do C.E.E.E.A. Sesquicentenário; as atividades e o andamento do projeto eram reportados através de relatórios enviados a Universidade Estadual da Paraíba e os resultados alcançados pelo Projeto eram expostos a comunidade escolar sobre a forma de palestras, rodas de discussão e oficinas, debates em seminários e encontros na universidade.

A partir da realização de leituras e levantamento de material bibliográfico e iconográfico, atividades de campo e ações pedagógicas na escola desenvolvidas pela Universidade Estadual da Paraíba e Universidade Federal da Paraíba, especificamente, o Departamento de História e Departamento de Arquitetura, que realizaram palestras e seminários sobre a história da cidade e seu patrimônio. Membros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) participaram efetivamente apresentando e discutindo o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa e seus problemas. Assim, os alunos identificaram os problemas apresentados pelo projeto, quando o mesmo não atendia as demandas dos moradores do centro histórico, os problemas ambientais, na medida em que

o projeto iria implicar danos irreversíveis aos manguezais do Rio Sanhauá e a expulsão da comunidade do Porto do Capim, que reside as margens do Rio Sanhauá a mais de cinquenta anos e é possuidora do direito a área.

A maior importância do Projeto Nós Propomos na escola intentou no estímulo à melhoria da capacidade dos jovens estudantes do ensino médio em analisar criticamente um problema concreto vivenciado no espaço urbano de fundamental importância da cidade em que residem, aliada ao fomento à interpretação das causas e consequências dos impactos urbanos que acometem às cidades, destroem sua história e causam transtornos às populações que ocupam a parte mais antiga da cidade, assim a interação entre estudantes, professores e comunidade se configura como um incentivo à pesquisa e iniciação científica acerca dos estudos da realidade local aliado a um entendimento desse processo em outras cidades nacionais.

Destarte o perfil acadêmico do Projeto Nós Propomos, o primeiro texto discutido para nossa primeira reunião de trabalho com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Sesquicentenário visou apresentar os problemas e iniciar as discussões acerca do Projeto de Revitalização. Partimos do pressuposto de que a nossa cidade nunca se nos apresenta como apenas mais uma cidade. Reconhecemos que, no processo de recomposição de nossas memórias, instala-se o entrecruzamento de fatores conjugados na reconstrução das imagens, que traduzem nossa visão da paisagem estudada. De um lado, nossa formação universitária, enquanto geógrafos, e de outro o diálogo com a escola básica. Além disso, a necessidade de identificação de teorias e interpretações que representem o substrato discursivo, concernente à nossa pesquisa e aos métodos que lhe são adequados, e, do outro, o peso da memória afetiva, os sentimentos de pertencimento mútuo, a assumida postura topofílica de uma cidadã nordestina fortemente ligada aos valores culturais de sua terra.

Enquanto buscamos respaldo teórico para auxiliar as explicações aos alunos, procuramos

o entendimento da formação socioespacial representada pela cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, no Nordeste brasileiro, que possui 769.607 habitantes, segundo dados do IBGE, em 2013. Para isso foram exibidas inicialmente fotos antigas da cidade, vídeos e obras de autores paraibanos como José Américo de Almeida, Augusto dos Anjos, José Lins do Rego, Ariano Suassuna. Embora privilegiando o estudo do recorte espaço/temporal traduzido como Centro Histórico da referida cidade, não perdemos de vista que suas características atuais representam registros morfológicos e dinâmicas urbanas relacionadas à “composições técnicas urbanas modernas, sobretudo porque guarda características de uma cidade em um país em desenvolvimento, que apresenta características globalizantes, embora não homogêneas” (ROCHEFORT apud SANTOS, 1986, p. 81).

Assim, para isso, nos debruçamos sobre obras de cunho teórico para compreendermos os conceitos e as categorias da geografia que nos auxiliaram nessa busca e compreensão das transformações que a cidade sofreu ao longo dos anos. Após uma breve apresentação da história da cidade, dividimos os alunos em grupos onde cada grupo estudou e resumiu capítulos do livro do professor Milton Santos, para isso entregamos o texto com antecedência, para que fosse lido em casa e discutido no nosso encontro. Chegamos inicialmente há algumas breves considerações. Primeiro, que as intervenções urbanísticas locais referentes à Reforma, Revitalização ou Revalorização de sítios da cidade, postas em prática a partir da primeira metade do século XX, apresentam vieses de influências externas e refletem claramente os interesses de aproveitamento mercadológico dos espaços considerados economicamente aproveitáveis para a reprodução do Capital. Segundo, mesmo as intervenções mais antigas que cidade sofreu para a melhoria da infraestrutura sanitária e da mobilidade urbana sempre foram influenciadas pelo interesse de maior receptividade urbana

para instalações de natureza comercial e econômica, buscando maior paridade com outros centros urbanos mais expressivos do ponto de vista econômico, tal como Recife, a metrópole vizinha.

A VIDA NUM BAIRRO CENTRAL

No nosso segundo encontro, realizamos uma roda de discussões, onde a professora da Universidade Estadual da Paraíba relatou sua vida num bairro central, com um breve relato das mudanças ao longo dos anos onde viveu por trinta anos com a família, o Roger. Acompanhou de perto as transformações que se processaram na paisagem urbana da cidade de João Pessoa, principalmente aquelas que ocorreram nos bairros centrais que se interligavam ao Roger – Varadouro, Centro, Tambiá - observou de perto as transformações que se processaram na paisagem urbana dessas áreas, como a expansão do comércio e dos serviços, que se concentrou por muitos anos no bairro do Varadouro e no Centro, expandindo-se, ao longo do tempo, em direção à Lagoa do Parque Sólon de Lucena e ao bairro de Tambiá, formando o que nós, geógrafos, denominamos de desdobramento do centro (CORDEIRO, 1980).

Assim, paulatinamente, acompanhou a paisagem urbana do Centro modificando-se, transformando-se e abrigando novas modalidades de atividades econômicas que, muitas vezes, não se adequavam à área, tendo em vista sua singularidade histórica. Como Maia (2000) observou, os bairros centrais perderam gradualmente seus atrativos como área de moradia.

Os alunos também relataram aspectos dos bairros que residiam e as transformações que observavam na paisagem urbana desses bairros – Bairro dos Estados, João Agripino, José Américo, Bancários e outros. Buscavam na memória a infância e adolescência nesses lugares e tentavam interligar as leituras teóricas a vida cotidiana no bairro. Poucos eram os que

conheciam de fato do Centro Histórico de João Pessoa e suas transformações ao longo dos anos. A passagem dos alunos pelo centro se dava em função dos retornos para casa após as aulas, pois as linhas de ônibus circulam a Lagoa do Parque Solon de Lucena em direção ao Terminal de Integração do Centro. Nesse sentido, o contato com a vida do centro era rápida e grande parte dos alunos não conheciam o patrimônio histórico e as comunidades que habitam na área, além dos problemas estruturais que o centro enfrenta. Os relatos apresentados buscavam apresentar a possibilidade de construção do saber geográfico a partir da reflexão, pesquisa e estudo, assim como entender as intervenções no espaço urbano ao longo dos anos. Este texto subsidiou nossas primeiras discussões do Projeto Nós Propomos Paraíba: revitalizando a cidadania através da educação, em março de 2018.

O CENTRO ENQUANTO PALCO DE NOVAS ABORDAGENS

Nos trabalhos de campo que realizamos com os alunos pela cidade no escopo do projeto Nós Propomos, ao nos deslocarmos pela cidade, observávamos o surgimento de novas áreas, que seguidamente, recebiam equipamentos urbanos e novas atividades econômicas e repertório de serviços. A chegada dessas atividades imprimia, na paisagem urbana, novos ritmos e significados que, anteriormente, eram características apenas do Centro. Vale salientar que, por uma questão temporal, estas novas atividades já traziam a fisionomia de formas de modernidade, que nunca foram características do Centro. Surpreendia-nos a nova realidade que se constituía diante dos nossos olhos, observando as Avenidas Epitácio Pessoa e José Américo de Almeida (Beira-Rio); as casas misturavam-se ao comércio e aos serviços, o movimento de automóveis crescia consideravelmente, o movimento de pessoas era constante, e, pouco a pouco, estabeleciam-se novos corredores de circulação, que abrigavam funções e usos antes só encontrados parcialmente, na área central.

Foi através desses trabalhos de campo que nossos alunos estabeleceram uma maior contato com a cidade em sua plenitude. Ou seja, as transformações que se processavam no mundo e no lugar, influenciando as nossas impressões sobre a cidade. Cremos que, por isso, temos nos interessado em compreender os sentidos que o Centro adquiriu ao longo dos anos, com novas formas de urbanização e modernização, processo expresso por meio das alterações no uso do seu espaço urbano, tendo em vista a natureza das trocas ali instaladas ao longo do tempo, dadas as transformações estabelecidas por meio das relações entre os agentes produtores desta área, o restante da cidade e as influências da rede urbana regional.

É nesse momento que a cidade moderna passa a ser o espaço, por excelência, de uma constante interação entre grupos sociais que se constituem com o processo de urbanização o qual se delineia neste espaço, ligando-se a novas formas de intervenção urbana. Dessa realidade, surgem a diversidade e os conflitos sociais que se intensificam e ganham maior visibilidade, sobretudo na área, então, mais importante da cidade, o Centro Antigo. Segundo Frúgoli Jr. e Sklair (2009), as classes populares foram as mais atingidas por esse processo, na medida em que foram expulsas para periferias longínquas, empurradas pela expansão urbana contínua.

AÇÕES URBANÍSTICAS NO CENTRO ANTIGO DE JOÃO PESSOA

Foram apresentadas aos alunos as ações urbanísticas no centro antigo de João Pessoa. Segundo Gonçalves (2014), as primeiras ações de proteção do Centro Antigo se dão na instância municipal, através do Plano Diretor de João Pessoa elaborado em 1975. O Plano Diretor de João Pessoa apresentou a primeira definição de uma poligonal de preservação rigorosa para a cidade. Em 1982, por meio do Decreto nº. 9.484, foi delimitado o “Centro Histórico Inicial de João Pessoa”, a partir do qual foi pautada a atuação do Instituto de Patrimônio Histórico da Paraíba-

IPHAEP. Na década de 1980, com as políticas de revitalização/requalificação do Centro Histórico, a área será objeto de ações urbanísticas por meio do Convênio Brasil/Espanha, com o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. O discurso visava à retomada do desenvolvimento econômico da área e o resgate da sua importância histórica, conforme documentos da Comissão de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa (1987). As intervenções urbanísticas nos centros históricos das cidades brasileiras, por meio de processos de revitalização/requalificação, apontam a complexa relação entre os sujeitos Estado, capital privado, consultores da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), empreendedores culturais, comerciantes e moradores, de tal forma que expressam as diversas formas de apropriação do espaço urbano e os tipos de disputas por esse espaço.

Nesse sentido, os alunos puderam apreender que, na cidade contextualizada no sistema capitalista, as formas urbanas recriam-se constantemente, ganhando novos sentidos e conteúdos. Na medida em que o processo produtivo torna-se cada dia mais sofisticado, generalizando-se a urbanização, muda o sentido de tempo, e uma nova racionalidade é impressa ao espaço. Assim, as marcas do intenso processo de transformação e reestruturação que vivemos hoje, em meio ao processo de globalização, estão impressas, tanto na paisagem como no cotidiano vivido pela sociedade. Segundo Carlos (2004), o poder político se exerce através do espaço, da sua racionalização, enquanto dominação política e, neste sentido, interferindo, constantemente na reprodução do espaço.

Esses são aspectos do processo de desenvolvimento do capitalismo que, no curso de sua expansão, produz a desvalorização de áreas no âmbito do espaço urbano. Pautando-se nas ideias de Harvey (1992), e, Robira (2013), discutindo os espaços metropolitanos de Barcelona e São Paulo, explicamos aos alunos envolvidos no projeto Nós Propomos como se dá esse processo

de valorização e desvalorização que o capital empreende no espaço. O capital necessita de territórios que permaneçam obrigatoriamente em “situação não capitalista” para superar suas próprias crises de superacumulação – válida para o exame geral do capitalismo global.

No caso em estudo, as transformações que se processam no âmbito da cidade, enquanto realização do ciclo do capital na sua fase atual, revelam a aliança entre o Estado, o capital privado, e as consultorias internacionais, na produção de um tipo de centro histórico, ou áreas urbanas específicas, reinventadas como mercadoria, através das políticas de revitalização urbana.

Apresentamos aos alunos também a existência de uma pressão por parte do capital para a disponibilização das áreas urbanas, visando à instalação de um turismo que diz valorizar o patrimônio e o lugar. Este estágio do processo fez com que as áreas centrais fossem alvo de práticas de intervenções urbanas estratégicas. Essas práticas sempre utilizaram o discurso do embelezamento e complementação de serviços (eletricidade, canalização de água, alargamento de avenidas) para justificar as intervenções e, principalmente, para criar uma imagem moderna de cidade, além de disciplinar os usos do espaço urbano para atender à lógica do capitalismo e às demandas das classes sociais de maior poder aquisitivo.

AS POLÍTICAS DE INTERVENÇÃO NA ÁREA CENTRAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

As práticas de intervenção urbana nas áreas centrais das cidades brasileiras continuam a utilizar o ideário do “embelezamento”, agora não mais com o discurso da modernização de sua imagem, mas utilizando o resgate da tradição e da memória, recorrendo a certo tipo de intervenção urbana nesses espaços de vida cotidiana e adotando políticas de *revitalização*, “cujo resultado mais visível é a alteração da paisagem urbana, com a transformação de degradados sítios históricos em áreas de entretenimento urbano e de consumo cultural” (LEITE, 2001, p. 19). Assim,

como ressalta Zukin (2000, p. 82), “os sítios específicos da cidade moderna são transformados em espaços liminares pós-modernos, que tanto falseiam como fazem a mediação entre natureza e artefato, uso público e valor privado, mercado global e lugar específico”.

Essas políticas definem-se como um processo que tem transformado a paisagem urbana dos sítios históricos. A paisagem urbana reestruturada redefine o significado social desses espaços como um segmento de mercado, atribuindo a esses espaços um novo sentido, por meio dos projetos de revitalização para o centro histórico. As cidades contemporâneas encontram-se em um constante processo de reestruturação e transformação do seu espaço urbano que, em diferentes ritmos e intensidades, vem mudando seu significado, conforme argumenta Rigol (2005) em suas análises. Nos últimos anos, um número bastante expressivo de pesquisadores (SMITH, 2006; ARANTES, 2000; ZANCHETTI, 2000; RIGOL, 2005) tem dedicado especial atenção ao estudo desse novo urbanismo que se constitui em metas do poder público, associadas a interesses do mercado de exploração de áreas personalizadas por aspectos arquitetônicos e paisagísticos de referencial histórico, preocupados com os efeitos que esse ideário possa desencadear em termos de descaracterização dos sítios históricos, principalmente no tratamento dispensado no que diz respeito ao espaço vivido pelo segmento social representado por seus moradores e sua representatividade territorial.

Grande parte dessas políticas tem se caracterizado pelo reinvestimento de capital nas áreas centrais, consideradas degradadas e desvalorizadas, e também com a restauração de monumentos históricos. Tais políticas urbanas, em sua maioria, atingem conjuntos urbanos históricos valorizados e envolvem uma grande variedade de sujeitos. Esse modelo urbanístico/empresarial atual, geralmente, utiliza o patrimônio histórico e o viés da cultura por meio de um discurso que se pauta no resgate da memória e da valorização do lugar – para justificar certas práticas urbanísticas (ARANTES, 2000).

O Projeto de Revitalização do Centro histórico de João Pessoa representa um momento do capitalismo na sua fase atual, mas, sobretudo, uma tentativa de se dinamizar a reprodução do capital na área. Em João Pessoa, os espaços-alvo das intervenções urbanas não serão lugar de moradia das classes médias; no máximo, o que veremos é a chegada, em forma de frequência à área, de uma classe média culta interessada em consumir a paisagem representada pelo patrimônio arquitetônico existente nesses espaços, as atividades culturais desenvolvidas pelo poder público e o cenário fachadista, que foi criado e revestido de valores mercadológicos. Ou seja, o que veremos é no contexto do Centro Histórico de João Pessoa é que esses espaços passam a abrigar um conjunto de novas atividades econômicas, que colonizam os espaços considerados obsoletos ou fora de uso, como ressalta Rigol (2005) aspecto que também será encontrado no Centro Histórico de João Pessoa.

Ao longo dos estudos ficou claro para os alunos envolvidos no projeto que os projetos de revitalização das cidades brasileiras visam muito mais resgatar essas áreas para o mercado do que para a conservação da memória, (MATTOS, 1983), do patrimônio, da conservação da cultura do lugar. As várias nomenclaturas dadas aos planos sejam eles municipais ou estaduais implicam uma grande confusão de conceitos. O próprio poder público parece contribuir com essa confusão, legitimando inclusive novos termos para manter o poder para definir as intervenções para promover o marketing político. Mesmo, assim, adotamos o termo “*revitalização*” por considerarmos que no momento em que elaborávamos esse trabalho era o que mais se ajustava, mesmo tendo ainda algumas dúvidas, mesmo assim está explícita a estratégia do Estado de trazer novas atividades econômicas para a área e, com elas se criar o consenso de que é possível dar nova vida às áreas obsoletas da cidade. Concordamos com os argumentos de Vainer (2002) que não se pode esperar que esses planos de revitalização representem uma intervenção sem danos, os planos de

intervenção esbarram em questões políticas e econômicas, resistências e lutas, visto que um projeto que não leva em consideração os moradores do lugar não poderá garantir uma nova vida para uma determinada área.

O Projeto Nós Propomos também estudou e analisou como universo empírico da pesquisa o Bairro do Varadouro. Nossos alunos realizaram vários trabalhos de campo no Varadouro para mapear o patrimônio histórico, as ruas, praças, largos e igrejas. Além disso, estabeleceram contato com a comunidade do Porto do Capim na medida em que consideraram que as intervenções que iriam ser realizadas na área teria que levar em consideração a comunidade do Porto do Capim. Regina Celia Gonçalves, em entrevista ao Brasil de Fato em 02 de Abril 2019, ressalta que:

A comunidade do Porto do Capim, hoje formada por mais de 500 famílias, ocupa o local onde nasceu, em 1585, a cidade de João Pessoa, à margem direita do Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba. Desde então, ali se localizava o porto comercial e os portos comunitários que ligavam as margens as ilhas do estuário. Em 1935, o porto comercial foi transferido para o município de Cabedelo devido ao assoreamento do rio Paraíba, provocado pela expansão descontrolada da atividade canaveira e pelo crescimento das cidades em suas margens. Iniciou-se, então, a decadência econômica da área, com as operações comerciais e financeiras, mudando-se para outros espaços. Enquanto isso, as instalações abandonadas deste antigo porto comercial foram sendo ocupadas, a partir dos anos 1940, por famílias de trabalhadores desempregados com o fim das atividades portuárias e das casas comerciais e de prestação de serviços. Elas se juntaram às de pescadores, marisqueiros, catadores de caranguejo e outros trabalhadores que já viviam ali, do rio e do mangue, desde que a cidade fora fundada no século XVI (herdeiros da cultura dos povos Potiguara).

Assim, os alunos envolvidos no “Projeto Nós Propomos Paraíba: revitalizando a cidadania através da educação” buscaram entender as especificidades da comunidade, sua história, a cultura do lugar, as ações que foram e ainda serão implementadas na área. A comunidade reside na área desde a década de 1950, é uma população ribeirinha, que nunca recebeu apoio do poder público. Os alunos-pesquisadores visaram entender os conflitos decorrentes do choque de interesses entre nas novas formas de uso urbano e das possibilidades de uso do lugar e a resistência dos antigos moradores do Porto do Capim a estas mudanças, nas quais suas habilidades, memórias e cultura não são absorvidas pelo referido projeto e do novo modelo de uso organizacional do espaço, em moldes capitalistas atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alunos-pesquisadores do “Projeto Nós Propomos Paraíba: revitalizando a cidadania através da educação”, desenvolvido pelos estudantes do 1º ao 3º ano do Sesquicentenário do Ensino Médio e Universidade Estadual da Paraíba, escolheram as temáticas a serem abordadas, sobretudo as consequências que trariam a revitalização da Comunidade do Porto do Capim. O estudo foi desenvolvido através da construção de relatórios de estudos de gabinete e coleta de dados, trabalhos de campo, contato com órgãos públicos, entrevista com moradores do Centro Histórico e da Comunidade do Porto do Capim. Em seguida os alunos compilaram suas ideias e passaram a escrever artigos sobre a supervisão dos professores e coordenadores.

As discussões levaram os discentes a reconhecer que a luta e a resistência da Comunidade do Porto do Capim frente ao Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa é de extrema importância para barrar essa proposta de ação urbana. A mobilização da comunidade desde 2012, através da Comissão de Mulheres do Porto do Capim alterou de certa

maneira a ação do poder público diante do Projeto de Revitalização.

Através de eventos culturais desenvolvidos pela comunidade com a participação efetiva dos discentes do Sesquicentenário, atividades políticas, com o apoio também de um conjunto de entidades, fundações, universidades e militantes ligados aos movimentos sociais urbanos e culturais a comunidade tem se conscientizado da sua importância na área e luta para permanecer na mesma. Assim, a atuação da Associação de Mulheres do Porto do Capim se ainda não conseguiu ganhar essa luta, pelo menos tem conseguido adiar esse processo.

Segundo os discentes participantes do projeto, vale salientar que não é só porque ocupam o lugar, constroem o lugar, e mesmo que estejam lutando por melhores condições de vida, por moradia, pela permanência nesse espaço que a luta dessas mulheres é importante. Através dessa mobilização elas lutam pela manutenção da memória da cidade numa perspectiva mais ampla, não a memória mercadológica do projeto de revitalização, mas sim uma memória que se contrapõem ao que o Estado junto com o capital imobiliário traz como principal argumento para concretizar a promessa de realização da revitalização. É o que temos observado no caso de João Pessoa e o diferencia de outras experiências nacionais.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Org.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 11-74.

CARLOS, Ana Fani A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CORDEIRO, Helena Kohn. **O centro da metrópole paulistana: expansão recente**. 184 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor; SKLAIR, Jessica. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 30, p. 119-136, 2009.

GONÇALVES, Helena Tavares. **O Porto e a Casa: Dinâmicas de transformação no uso dos espaços no centro histórico de João Pessoa**. 179 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural)-Programa de Pós-Graduação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

GONÇALVES, Regina Célia. A comunidade do Porto do Capim e a sua luta. Uma história de abandono e resistência no centro da capital paraibana. **Brasil de Fato**, João Pessoa, 02 abril 2019.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LEITE, Rogério Proença de Sousa. **Espaço Público e político dos lugares**: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo. 399 f. Tese (Doutorado em Antropologia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2001.

MAIA, Doralice Satyro. **Tempos lentos na cidade**: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa – PB. 364 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana)-FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MATTOS, Olgária. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. **Espaço e Debate**, São Paulo, n. 7, 1983.

RIGOL, Sergi Martinez I. A Gentrificação: conceito e Método. In: CARLOS, Ana Fani A, CARRERA, Carles. (Org.). **Urbanização e Mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005.

ROBIRA, Rosa Tello. Planejamento Urbano: discurso anacrônico, práticas globalizadas. In: CARLOS, Ana Fani A; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia das Metrôpoles**. Contexto: São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A; SANTOS, M. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

SILVA, Regina Celly N da. **A revitalização do centro histórico de João Pessoa uma estratégia para a reprodução do capital**. 312 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana)- FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Org.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

VAINER, Carlos. Prática, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZANCHETI, Silvio. Conservação Integrada e Novas Estratégias de Gestão. ENCONTRO DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS DE CIDADES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. 4., Salvador. **Anais...** Salvador: SIRCHAL, 2000.

ZUKIN, Sharon. A apropriação do patrimônio urbano: do estético estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.